

AS AMEAÇAS DA NOVA DIREITA NA EUROPA: UM BALANÇO DAS ELEIÇÕES EUROPEIAS DE 2019

*THE NEW RIGHT THREATS IN EUROPE: A STOCKTAKING OF THE 2019
EUROPEAN ELECTIONS*

Ana Paula Balthazar Tostes¹

Carolina Thomaz²

Daiane Carvalho da C.F. Nunes³

Lorrayne Lopes⁴

Marcelle Moreira⁵

Natália Marabote Marques⁶

Wesley Andrade⁷

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: aptostes3@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9642-6211>

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: carool.thomaz@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4981-7516>

³Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: daianecarvalhocontato@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4847-4171>

⁴Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: lorryne.elizabeth@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1335-0723>

⁵Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: iniciacao.marcelle@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5555-7506>

⁶Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
Email: nataliamarabote@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0449-391X>

⁷Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
Email: andradevieirawesley@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9538-8794>

Recebido em: 30 nov. 2019 | Aceito em: 12 dez. 2019.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0



Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, Vol. 8, 2019

Ana Paula Balthazar Tostes, Carolina Thomaz, Daiane Carvalho da C.F. Nunes,
Lorryne Lopes, Marcelle Moreira, Natália Marabote Marques e Wesley Andrade
DOI: 10.12957/neiba.2019.47068 | ISSN: 2317-3459

"Não queremos esta União Europeia que alimenta uma globalização selvagem, sem regras, que faz escravos trabalharem para vender mercadorias a desempregados"

- Marine Le Pen¹

RESUMO

Este é um artigo escrito a muitas mãos, fruto de um esforço de pesquisa sobre o crescimento de partidos políticos que carregam retóricas populistas de direita, e busca apresentar um balanço sobre sua performance em eleições europeias no ano de 2019. Sabendo-se que o populismo não tem espectro ideológico, funciona como uma estratégia (Muller, 2016), há muito o que se compreender sobre o tema na política europeia contemporânea. Este artigo é uma nota de pesquisa que visa contribuir como fonte de consulta para outras investigações sobre o crescimento da nova extrema direita na Europa. O Artigo procura traçar um retrato do quadro de escolhas eleitorais ocorridas nos países ocidentais da Europa, os primeiros quinze Estados membros que se constituem como democracias mais consolidadas, observando-se tanto eleições nacionais ocorridas no ano de 2019 como as preferências eleitorais expressas nas eleições para o PE nesses países.

Palavras-chave: Parlamento Europeu; Eleições Europeias; Extrema Direita.

ABSTRACT

This article was written by many hands, it is a result of a research effort about the growth of right-wing populist parties, and seeks to systematize its performance in the European elections in 2019. The populism has no ideological spectrum, it functions as a strategy (Muller, 2016), therefore we have much to understand about the subject in contemporary European politics. This article is a research note that aims to contribute as a source of consultation for further research on the growth of the new far right political ideology in Europe. The article seeks to draw a picture of the electoral choices in Western European countries, the first fifteen member states that constitute more

¹ Em comício de líderes nacionalistas organizado por Matteo Salvini em 2019, ocorrido em Milão, muitas falas como essa de Marine Le Pen, transpareceram posicionamentos que impactam naturalmente na visão desses líderes sobre a União Europeia, sobre a globalização e a imigração. (Cf. citação: Deutsche Welle. "Extrema Direita Europeia se reúne na Itália antes das Eleições", 25/05/2019).



consolidated democracies. The article covers both national elections in 2019 and the electoral preferences expressed in elections to EP in these countries.

Keywords: European Parliament; European elections; Extreme Right Political Ideology.

INTRODUÇÃO

A citação acima de Marine Le Pen é um argumento contra globalização e que faz referência à presença da China e da Índia, principalmente, no mercado globalizado, o que poderia levar as indústrias europeias a entrarem em colapso, gerando desemprego para sua população. É a partir deste tipo de argumento que se identifica estratégias retóricas da nova extrema direita populista pautada por um viés antiglobalização, anti-imigração e eurocética. Os riscos à soberania nacional são exacerbados e a competição entre imigrantes e nacionais é incentivada. Os partidos da nova extrema direita, já designada pela literatura como populista (Mudde, 2007), são também considerados como partidos anti-sistêmicos desde a literatura pioneira sobre a renovação de uma direita extremista que se inicia na década de 1980 e se organiza ao longo da década de 1990 (Kitschelt, 1995; Ignazi, 1996; 2003; Taggart, 1998; Poguntke e Scarrow, 1996). Segundo Ignazi (1996), tais partidos são identificados como um by-product das sociedades pós-industriais e concorrem para o desenvolvimento de demandas de políticas e modelos de governo baseados em argumentos não tradicionalmente econômicos. Mas sim frequentemente morais, soberanistas, nacionalistas, protecionistas e xenófobos.

O ano de 2019 na Europa foi marcado pela campanha e eleições para a formação da nona candidatura para o PE, eleito diretamente desde 1979, que se deu entre os dias 23 e 26 de maio em todos os Estados-membros da UE. O ano de 2019 marca também uma década de crise econômica na Europa. Foi em 2009 que todos os países da zona do euro, sem exceção, tiveram seus PIBs² negativos. Desde 2008 a UE vem passando por um domínio de crises, desde a crise econômica até a crise migratória e a decisão do Reino Unido por desmembrar-se da União, inaugurando-se o procedimento de

² O Produto Interno Bruto (PIB), revela o potencial econômico de um país, pois agrega valores monetários de todos os bens e serviços finais produzidos em um ano na região ou país.



adaptação da União a um encolhimento, no lugar de um alargamento. Assim, um olhar sobre o suporte a partidos nacionalistas radicais de direita e populistas, antiglobalização e anti-UE permite um balanço sobre a tendência das preferências eleitorais por partidos e candidatos radicais de direita atualmente na União. Este artigo, em forma de uma nota de pesquisa descreve abaixo as tendências eleitorais nos quinze países ocidentais, ou de outra forma, das democracias mais consolidadas que foram aderindo à integração da Europa desde a década de 1950 até a década de 1990, antes do alargamento para o Leste, com a entrada de ex-membros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

ALEMANHA³

A Alemanha ocupa um espaço relevante no PE, sendo responsável por 96 cadeiras, com 17 eurocéticos eleitos para o PE de 2019, um a mais do que na legislatura do PE de 2014-2019.

O partido que mais conseguiu assentos nas eleições europeias de maio de 2019, com um total de 29 eurodeputados, foi o União Democrata-Cristã, UDC (em alemão Christlich-Demokratische Union Deutschlands). A UDC pode ser considerada um partido de centro-direita, defensor do conservadorismo, da democracia-cristã e da integração europeia.⁴ É interessante lembrar que esse é o partido da atual chanceler da Alemanha, Angela Merkel. Sendo o maior partido do país, além de vir conduzindo a Alemanha desde 2002, participa do grupo partidário Partido Popular Europeu (EPP) no PE, que historicamente tem conduzido a integração ao lado do Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas (S&D).⁵

Em segundo lugar aparecem Os Verdes (em alemão Grüne) com 21 cadeiras, o que foi uma surpresa, porque logo em seguida com 16 assentos está o Partido Social-Democrata, o SPD (em alemão Sozialdemokratische Partei Deutschlands), considerado,

³ A última eleição para o Parlamento nacional foi em 2017, logo não trataremos no artigo de eleições nacionais na Alemanha.

⁴ Um detalhe curioso sobre a UDC é que na região alemã da Baviera, ela é representada por um partido irmão, a União Social-Cristã (em alemão Christlich-Soziale Union). A União Democrata-Cristã e a União Social-Cristã formam uma aliança política chamada de A União (em alemão Union), conhecido também como Partidos da União (em alemão Unionsparteien).

⁵ Os eurodeputados se organizam no PE em grupos ideológicos que reúnem candidatos de partidos nacionais em Grupos Partidários europeus que reúnam a representação de um mínimo de ¼ dos Estados membros e 25 eurodeputados.



até antes das eleições, o maior rival da União Democrata-Cristã no cenário político alemão. Ele pode ser considerado um partido de centro-esquerda, defensor da integração europeia, sendo ainda um dos partidos mais antigos do país. No PE é integrante do S&D e quanto à integração europeia apresentam algumas divergências de projetos, mas são igualmente pro-integração.

Ainda sobre a significativa expressão dos Verdes na Alemanha, pode-se dizer que esse é um fenômeno recente. O bom resultado, que aliás é o melhor resultado já alcançado pela legenda verde no país, só foi possível graças à mobilização dos jovens, cada vez mais engajados na agenda ambiental, uma vez que 33% dos alemães abaixo dos 30 anos votaram nesse partido. Inclusive, essa ascensão dos Verdes coincidiu com a onda de protestos que emergem não só na Alemanha, mas em toda Europa, a favor de uma política climática mais responsável.

Em quarto lugar com 11 cadeiras aparece a Alternativa para Alemanha, a AfD (em alemão Alternative für Deutschland), considerado um partido populista de extrema-direita e eurocético. Essa foi outra grande surpresa, pois devido à expectativa de ascensão de partidos e movimentos desse tipo, esperava-se que ele fosse despontar praticamente na primeira posição, entretanto não foi isso que aconteceu.⁶

Os demais partidos somam uma quantia mais baixa de assentos: A Esquerda (Die Linke) e o Partido Democrático Liberal (Freie Demokratische Partei) com 5 lugares cada, Die Partei e Eleitores Livres (Freie Wähler) com 2 cada um e, por fim, outros cinco partidos menos influentes com 1 cadeira cada. Sendo assim, quanto à representação de eurocéticos no PE, houve o aumento de um eurodeputado alemão, comparando-se com a legislatura de 2014, ou seja, de 16 passaram a ser 17 eurodeputados alemães eurocéticos. Ou seja, menos que algumas previsões apontavam.

AÚSTRIA

⁶ O governo alemão tem enfrentado dificuldade de formação do governo nas últimas eleições nacionais. Pode-se atribuir a essa mudança no quadro de preferências eleitorais no país como resultado da crise econômica de 2009, da crise dos refugiados e o crescente populismo, problemas que ainda não foram resolvidos, mas que sugerem que as clivagens ideológicas se tornaram importantes novamente. Apesar de a crise da zona euro não ter tido impacto negativo na economia alemã em longo prazo, deu origem a partidos eurocéticos populistas de direita como uma nova força política.



A Áustria é responsável por eleger 18 eurodeputados para o PE. As eleições europeias na Áustria no ano de 2019 sofreram um grande impacto devido aos últimos acontecimentos envolvendo um escândalo político no país. O governo austríaco, marcado por uma coalizão entre o partido de extrema direita e o partido conservador era visto recentemente como um exemplo de governo nacionalista na Europa. No entanto, pouco tempo antes das eleições para o PE ocorrerem na Áustria, um escândalo de corrupção envolvendo o vice primeiro ministro austríaco Heinz-Christian Strache, líder do Partido da Liberdade (FPÖ), em alemão Freiheitliche Partei Österreichs, abalou o cenário político. Em um vídeo, que data de 2017, divulgado pela mídia alemã, o líder do partido de extrema direita aparece prometendo contratos públicos em troca de patrocínio eleitoral para uma suposta herdeira russa. Esse acontecimento enfraqueceu o Partido da Liberdade, um dos mais tradicionais e bem-sucedidos partidos de extrema direita na UE e desfez a coalizão que sustentava a extrema-direita nacionalista e populista no governo da Áustria. O resultado do cenário nacional foi que o Partido Popular austríaco (ÖVP), em alemão Österreichische Volkspartei,⁷ de ideologia democrata cristã governa o país desde as eleições nacionais de setembro de 2019, resultado da renúncia do Primeiro Ministro. A segunda força no Parlamento nacional é social democrata (SPÖ), em alemão Sozialdemokratische Partei Österreichs, e o poderoso partido de extrema direita, o tradicional FPÖ, manteve o terceiro lugar na escolha dos cidadãos, apesar de ter perdido 20 cadeiras.

Não obstante, o escândalo teve impacto nas eleições para o PE. O episódio foi usado por alguns políticos como uma maneira de alertar sobre a possibilidade de ascensão dos partidos de extrema-direita sobre a Europa, como fez Angela Merkel, chanceler da Alemanha.

O partido responsável pelo maior número de assentos nas eleições para o PE foi ÖVP com 7 cadeiras, logo em seguida o SPÖ com 5 lugares. Em terceiro lugar, com 3 assentos, o FPÖ viu o grau dos efeitos do escândalo nacional refletido na eleição europeia. Por fim, os Verdes (Grüne) obtiveram 2 assentos e A Nova Áustria e o Foro Liberal (NEOS – Das Neue Österreich und Liberales Forum) com 1 assento cada.

⁷ Antes do escândalo o ÖVP e o FPÖ governavam em coalizão.



BÉLGICA

A Bélgica possui 21 cadeira no PE. Assim como o país possui uma divisão em três regiões ou comunidades, os deputados são escolhidos a partir de uma partição de representação entre as regiões autônomas: 12 deputados representam a região flamenga, 8 a região francesa e 1 a região alemã.

Na região flamenga, a Nova Aliança Flamenga elegeu 4 eurodeputados que fazem parte do grupo dos Reformistas e Conservadores Europeus (ECR); Liberais e Democratas Flamengos conseguiram eleger 3 representantes que fazem parte do grupo dos liberais, o Renew Europe (ex-ALDE); enquanto o partido dos Democratas-Cristãos e Flamengos elegeram 2 eurodeputados que fazem parte do EPP. Os partidos Socialista-diferente, Groen e Vlaams Belang elegeram um deputado cada para o PE, fazendo parte dos grupos respectivamente S&D, Grupo dos Verdes (Greens/EFA) e o Identidade e Democracia (antigo grupo Europeu das Nações e das Liberdades – ENF) da extrema direita.

Na região Francesa foram eleitos 3 deputados do Partido Socialista que fazem parte do grupo S&D, 3 do partido Movimento Reformador que fazem parte da Renew Europe. O Ecolo, que faz parte do grupo dos Verdes (Greens/EFA) elegeu 1 candidato; o Centro democrático Humanista também elegeu 1 representante; e por fim o Partido Social Cristão na Região Alemã também elegeu 1 representante que faz parte do grupo do EPP.

A Bélgica aumentou sua representação eurocética no PE, antes com apenas 1 candidato, na eleição de 2019 os belgas escolheram três eurodeputados extremistas, afiliados ao grupo Identidade e Democracia.

Em eleições nacionais de maio de 2019 cresceram partidos de extrema direita e de extrema esquerda e verdes. Os eurocéticos cresceram de 1 para 3 representantes, o que não é tão relevante em um universo de 21 euro deputados. Além do Partido dos Trabalhadores (PVDA-PTB), viu-se do aumento do euroceticismo um ressurgimento da força de uma extrema direita tradicional, o partido Vlaams Belang, passando a se tornar a segunda força no Parlamento nacional. Valendo ainda destacar o alto comparecimento às urnas na eleição europeia, de 88,47% de votantes.



DINAMARCA

A Dinamarca possui 13 cadeiras no PE e pode-se dizer que seus eurodeputados eurocéticos diminuíram em 2019. Na candidatura de 2014 eram 4 candidatos de extrema direita dinamarqueses no PE e nas eleições de 2019 apenas 2 foram eleitos: um do Danish People's Party, tradicional partido extremista dinamarquês, e outro do Conservative People's Party. Sendo que apenas um candidato entrou em um grupo do PE de ideologia de extrema direita, o Identidade e Democracia. O aumento de eurodeputados liberais dinamarqueses foi a novidade de 2019.

Com eleições nacionais para o parlamento dinamarquês em junho de 2019 o Parlamento sofreu algumas mudanças com uma perda muito significativa de representantes do Partido Popular dinamarquês, tradicional partido populista de extrema direita no país. Por outro lado, a eleição marcou uma onda de crescimento de partidos de centro esquerda: social democratas e socialistas e especialmente partidos liberais, como ocorreu em outros países na região.

ESPAÑA

A Espanha é responsável por 54 assentos no PE, tendo aumentado sua representação eurocética no PE de 5 para 9 deputados nas eleições de 2019, na mesma linha do crescimento da extrema direita nacional. Também em uma direção semelhante os socialistas cresceram no PE, de 14 para 20 eurodeputados eleitos afiliados ao S&D. Por outro lado, o EPP perde cadeiras, a centro direita, e os liberais. Forças de direita mais extremistas é que encontram mais suporte com o aumento dos Conservadores e Reformistas (eurodeputados do partido de extrema direita VOX se alocaram no ECR) e não afiliados eurocéticos.

Com quatro eleições em 4 anos e duas só no ano de 2019, os espanhóis tiveram em 10 de novembro mais um escrutínio, já que desde as eleições de 28 de abril de 2019, ou 10N e 28A, como os espanhóis gostam de apelidar. O partido majoritário no Parlamento, o PSOE não havia logrado em formar um governo desde abril, especialmente em função das divisões de posicionamento sobre a demanda separatista na Catalunha e os métodos de negociação e tratamento do problema para a união do



país. Pedro Sanchez, o Primeiro Ministro, tentou aliança com o Podemos na candidatura de abril, mas tal acordo só veio a lograr êxito após as eleições de 10N. Os cinco maiores partidos do país são o partido do governo socialista, o PSOE, o partido de esquerda Unidas Podemos, o conservador PP, o centro-direita Ciudadanos e o partido de extrema direita VOX.

Pablo Iglesias, líder do Unidas Podemos, tentou por seis meses convencer Pedro Sanchez a formarem um governo dividido, de coalisão, mas Sanchez resistiu e preferiu submeter o Parlamento a novas eleições no lugar de dividir o governo com um partido com o qual tem afinidades ideológicas mas uma grande divergência: o posicionamento sobre a demanda dos catalães pela separação da Espanha. Mais comedido, diplomático e com argumentos mais legalistas e constitucionalistas Sanchez, no entanto, se destaca dos demais partidos de direita que também são contra o separatismo catalão. Em suma, uma Espanha dividida entre diversos espectros, direita-esquerda, mas também contra e a favor do argumento soberanista catalão. O PP, o Ciudadanos e o VOX guardam enormes diferenças. O PP é o tradicional partido conservador espanhol que alternou com o PSOE o governo por quase quarenta anos. Tempo em que o multipartidarismo espanhol se transformara em um bipartidarismo de fato, até os eventos de 2011, quando surgiram o Movimento 15M e os Indignados e deles uma nova esquerda articulada se organizou partidariamente na Espanha. O bipartidarismo falhou e o bloqueio à formação do governo começou, sem uma maioria coerente.

A direita apresentou um importante crescimento na Espanha ameaçada pelo separatismo no ano de 2019. Na onda populista e conservadora o VOX emerge como um partido de extrema direita com força como nunca se viu na Espanha, desde Franco. Apesar do crescimento do VOX em eleições regionais, a Espanha não parecia no início de 2019 possuir uma direita extremista consolidada no nível nacional. Alguns analistas que previram seu aumento em abril erraram, mas tal tendência provou-se correta em 10N, quando o partido alcançou 52 cadeiras no Parlamento espanhol, saindo das urnas como o principal vitorioso de novembro.

No 10N o PSOE perdeu três cadeiras em relação à eleição de abril. Ciudadanos quase desapareceu, tendo ficado com 10 cadeiras (deixa de ser a terceira e passa a ocupar o



lugar da sexta força eleitoral do país) e o PP e o VOX cresceram, com grande destaque para a extrema direita que jamais viu na Espanha tal adesão.

O VOX surge em 2014 e compartilha das mesmas retóricas da extrema direita percebida mundialmente. Suas principais características são:

“oposição ao separatismo catalão e basco, ao feminismo e ao casamento igualitário, à imigração, especialmente a muçulmana; a ira contra a corrupção; o tédio com a política tradicional; um punhado de temas, como a propriedade de armas e a caça, com os quais algumas pessoas se importam profundamente, enquanto outras nem sabem que existem; uma pitada de apelos libertários, talento para a zombaria e um leve ar de nostalgia.”⁸

O partido se forma desde uma migração de radicais de direita do PP e foi-se tornando mais influente em algumas regiões da Espanha, mas no PE a representação de extrema direita se dá por partidos menos importantes nacionalmente como o Juntos pela Catalunha (2 cadeiras) e o partido Espanhol de Extrema Direita (3 cadeiras), perfazendo um aumento de 5 para 9 candidatos eurocéticos espanhóis no PE.

FINLÂNDIA

A Finlândia ocupa 13 cadeiras no PE, tendo 3 eurodeputados no EPP, 3 no grupo liberal (Renew Europe), 2 no grupo do S&D, 2 no Identidade e Democracia, 2 verdes e 1 da Esquerda Europeia Unida/Esquerda verde nórdica (GUE/NGL), grupo mais radical verde e de esquerda.

A Finlândia já possuía 3 candidatos eurocéticos no PE e manteve o mesmo número de extremistas de direita ocupando cadeiras na legislatura de 2019. Por outro lado, na eleição para o Parlamento nacional, ocorrida em abril de 2019, após os sociais democratas, o partido de extrema direita Finns passa a ocupar praticamente a mesma quantidade de cadeiras, respectivamente 40 e 39. Também com 38 cadeiras o partido liberal da Finlândia aparece como uma terceira força paritária no Parlamento. Apesar de não figurar entre os partidos majoritários, destaca-se que o partido verde, na mesma

⁸ Cf. APPLEBAUM, Anne. Os segredos da estratégia da extrema direita: Vox com a cartilha de Trump e Bolsonaro. El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/10/internacional/1557485729_129647.html Acessado em: 28/11/2019.



linha do que ocorreu em outros países na região no ano de 2019, foi o partido que se destacou ganhando mais cadeiras nessas eleições.

FRANÇA⁹

A França, ao lado da Alemanha, sempre conduziu a integração e também ocupa um papel extremamente importante nas eleições europeias, sendo responsável por 74 das 751 cadeiras que compõem o PE. As eleições para o PE de 2019 foram marcadas pela ascensão de partidos de extrema direita na ocupação das cadeiras francesas no PE, sendo o principal deles o Rassemblement National, liderado por Marine Le Pen. Considerado a principal força nacionalista de extrema-direita na França, o Rassemblement National tem origem no partido fundado pelo pai de Marine, Jean Jacques Le Pen, um dos mais tradicionais partidos de extrema direita da Europa, a Frente Nacional. A ideologia extremista populista clássica carrega o conservadorismo extremado, a defesa do protecionismo nacional, forte aversão à imigração e euroceticismo. No PE, Le Pen havia criado já o primeiro grupo de extrema direita, a Europa das Nações e das Liberdades (ENL), mas forma um novo grupo em 2019 que passa a se chamar Identidade e Democracia e conta com o apoio de partidos de direita de outros países, como por exemplo a italiana Liga Norte (em italiano Lega Nord), o alemão AfD, e demais partidos extremistas da Bélgica, Áustria, Dinamarca, Finlândia e outros.

Essa foi a primeira eleição europeia em que o partido liberal do atual presidente francês Emmanuel Macron, o La République en Marche, participou. É interessante notar que desde as últimas eleições presidenciais na França, a disputa entre Macron e Le Pen e entre seus respectivos partidos, se acirraram. Nas eleições europeias de 2019 não foi diferente. Entretanto, diferentemente do resultado presidencial, o partido de extrema-direita de Le Pen levou a melhor, conforme apontavam as pesquisas, fazendo com que o Rassemblement National conseguisse levar a maioria das cadeiras francesas, um total

⁹ A última eleição para o Parlamento nacional foi em 2017, logo não trataremos no artigo de eleições nacionais na França.



de 22 eurodeputados, próximo ao partido de Macron, que conseguiu um total de 21 cadeiras.

Os outros assentos franceses foram ocupados respectivamente pela Europa Ecológica - Os Verdes (em francês Europe Ecologie – Les Verts) com 12 assentos, pelos Les Républicains com 8, pela França Insubmissa (em francês La France Insoumise) com 6 candidatos, e por fim, pelo Partido Socialista, com 5 eurodeputados.

GRÉCIA

A Grécia possui 21 cadeiras no PE, e nas eleições de 2019 a Coalizão da Esquerda Radical (Syriza), que possuía 6 assentos, perdeu popularidade. Isso permitiu que o Nova Democracia (partido Liberal conservador e democrata cristão) assumisse o primeiro lugar nas votações (com 33,12% dos votos), alcançando 8 assentos no PE. Em eleição nacional para o parlamento grego, vimos o resultado inverso no sucesso eleitoral de 39,9% dos votos atribuídos ao partido Nova Democracia e 31,5% ao Syriza. Diante desse cenário, o antigo primeiro ministro Alexis Tsipras argumentou que deveriam ser convocadas eleições nacionais antecipadas já que sua coalisão, o Syriza, foi derrotada pela Nova Democracia e sob o argumento de que esse resultado representaria uma desarmonia entre a opinião pública e a composição do PE. Enquanto a Nova Democracia ganhou mais 83 assentos (perfazendo 158), o Syriza perdeu 59, ficando com 86 assentos no total no Parlamento grego.

No entanto, como as eleições para o PE são uma espécie de conceito de aprovação da população sobre o partido nacional em governo no país, os resultados dessa eleição apenas representam que a população não está colocando mais as suas expectativas para resolver diplomaticamente as imposições econômicas da UE impostas através dos empréstimos concedidos por causa da crise econômica grega de 2010, no Syriza ou Coalizão da Esquerda Radical. Os demais assentos ficaram distribuídos menos igualmente e alguns partidos novos surgiram em comparação com as eleições de 2014, o Movimento pela Mudança, o Partido Comunista Grego (extrema esquerda) e a Aurora Dourada (partido de extrema direita) adquiriam respectivamente 2 assentos no PE e por último a Solução Grega (partido de extrema direita) só obteve 1 assento.



HOLANDA¹⁰

Os holandeses foram às urnas no dia 23 de maio para elegerem 26 deputados para o PE. No escrutínio, o Partido Trabalhista obteve o melhor resultado, elegendo 6 dos 26 deputados, que no PE se afiliam ao S&D. O Partido Popular para a Liberdade e Democracia e o Partido Democrata Cristão elegeram 4 eurodeputados cada e fazem respectivamente parte dos grupos Renew Europe e EPP. O Fórum pela Democracia elegeu 3 que se juntaram ao ECR, o Esquerda Verde elegeu 3, que fazem parte do Greens/EFA.

Os “Democratas 66’ elegeram 2 membros que integram o Renew Europe. Já a União Cristã, em coalisão com o Partido Político Reformado elegeram 2 candidatos, 1 que integrou o EPP e outro o ECR. O Partido pelos Animais e o partido “50+” elegeram 1 deputado cada, integrando respectivamente o grupo GUE/NGL e o EPP.

Em resumo, na Holanda, diferentemente de outros tempos, podemos ver os eurocéticos perdendo força, de 9 para 7 integrantes no PE. País que tinha 4 eurodeputados no grupo extremista, atualmente Identidade e Democracia, passou não ter nenhum representante. Os eurocéticos holandeses estão menos articulados no PE, em grupos menos coesos, como o GUE/NGL.

ITÁLIA¹¹

A Itália possui 73 cadeiras no PE. A Liga Norte, tradicional reduto extremista de direita de Matteo Salvini, considerado uma das figuras mais poderosas da política italiana atualmente, ficou em primeiro lugar (34,33%) ocupando 28 assentos no PE. Diferente das especulações para os resultados da eleição no país, o Partido Democrático ficou em segundo lugar com 19 assentos, sendo seguido em terceiro pelo Movimento Cinco Estrelas com 14 assentos. Força Itália com 6 assentos, Irmãos da Itália com 5 assentos e o South Tyrolean People’s Party (Partido do Povo do Tirol do Sul) com 1 assento no PE. A extrema-direita e os eurocéticos cresceram com força no país em comparação às

¹⁰ A última eleição para o Parlamento nacional foi em 2017, logo não trataremos no artigo de eleições nacionais na Holanda.

¹¹ A última eleição para o Parlamento nacional foi em 2018, logo não trataremos no artigo de eleições nacionais na Itália.



eleições de 2014, quando conseguiu 22 eurodeputados. Para a legislatura de 2019 esse número mais do que dobrou, passando a ter 47 eurodeputados eurocéticos. Montante que supera a representação italiana de eurodeputados pró-União Europeia, que deixaram de ser 51 e passaram a ser 26 eurodeputados. Esse crescimento, sobretudo, ocorreu no esteio de uma promessa de formação de um novo grupo partidário de extrema-direita liderado por Salvini (Aliança Europeia dos Povos e das Nações), buscando fortalecer junto ao PE a representatividade de partidos nacionalistas e eurocéticos, com o objetivo de limitar os poderes da União Europeia. Pode-se dizer que mais uma vez se vê o reflexo da política nacional nas escolhas eleitorais para o PE. A Itália passa por sérias crises de credibilidade política e institucional desde a crise econômica iniciada em 2008 e a subsequente onda migratória.

A Itália figura entre os países em que a crise dos imigrantes influenciou o aumento da xenofobia e a crítica às políticas europeias vistas como ineficientes para solucionar a curto prazo tal problema.

LUXEMBURGO¹²

Em Luxemburgo há uma tradição de alta participação nas eleições, e para o PE compareceram 84,24% dos votantes para escolherem apenas 6 candidatos para a Câmara europeia. Nas eleições de 2019 o Partido Democrático (liberal, tendo seus candidatos se associado ao grupo dos liberais no PE: o Renew Europe) elegeu dois candidatos e o Partido do Povo Social Cristão, mais conservador, elegeu dois candidatos igualmente (associado ao EPP). Os sociais democratas (associados ao S&D) conseguiram um representante e os verdes (associados ao Greens/EFA no PE) também. Em conclusão, os sociais democratas, forte presença no PE, perderam representação de Luxemburgo e os liberais e verdes ganharam mais espaço.

PORTUGAL

¹² A última eleição para o Parlamento nacional foi em 2018, logo não trataremos no artigo de eleições nacionais em Luxemburgo.



Portugal é responsável por 21 assentos no PE, tendo aumentado sua representação no S&D e no Greens/EFA e perdido representantes no EPP. A representação eurocética permaneceu estável no PE, mas não nas eleições nacionais. Sem radicalismos de direita e de esquerda, ainda se manteve no PE uma representação de 4 eurodeputados eurocéticos, em relação à legislatura de 2014-2019.

Portugal ainda carrega marcas do governo de Salazar, responsável por neutralizar as direitas independentes fossem elas católicas, monárquicas, nacionalistas ou conservadoras. Sobretudo a partir de 1945 houve um apagamento de ideias, princípios, militantes e povo de viés direitista. Em meados dos anos 50, consumida por um vazio de oposição ideológica, a esquerda passa a dominar a área intelectual influenciando tanto a comunidade acadêmica quanto estudantes e as classes médias profissionais.

"No período de transição entre o 25 de Abril de 74 e o 25 de Novembro de 75, nos momentos revolucionários de 28 de Setembro e 11 de Março, os partidos com alguns vestígios de pensamento, ideias ou princípios à direita foram proibidos, os seus dirigentes presos ou forçados ao exílio e as pessoas suspeitas de serem de direita, alvo de "proscricções". Como se não bastasse, assinou-se o famoso pacto MFA-Partidos, ou "Plataforma de Acordo Constitucional", consumado em pleno gonçalvismo, um mês depois do 11 de Março. A ideia do "Pacto" partiu de Álvaro Cunhal, para permitir que o MFA – que tanto tinha feito pela restauração democrática – tivesse uma palavra a dizer sobre o futuro texto constitucional, rumo ao socialismo, e pudesse policiar as forças políticas permitidas. Os militares "democratas" tinham feito uma revolução tão bonita... não podiam deixar que "os fascistas" ou que o povo (na sua inocência ou vítima de manipulação e de más influências) a estragassem".¹³

No período pós regime salazarista, a direita que se caracterizada como oposição a esquerda, passou a usar uma fachada ideológica para assumir uma posição de centro como forma de contornar a MFA e sobreviver em meios democráticos. O CDS e o PPD são exemplos desses partidos.

Portugal volta a ter então um reequilíbrio esquerda-direita no período pós Segunda Guerra, quando os regimes comunistas europeus desaparecem da Europa, com exceção do PCP (que visava o progresso da ideia de união europeia). Sendo assim, o cenário político ficou configurado como um "centrão alargado", onde de um lado (esquerda)

¹³ Cf. Observador. A Exceção portuguesa: porque não temos uma direita radical. Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/a-excepcao-portuguesa-porque-nao-temos-uma-direita-radical/> Acessado em 28/11/2019.



está os sociais-democratas e socialista e do outro (direita) estão os democratas-cristãos e conservadores. Nas eleições nacionais ocorridas em 2019 no país houve um crescimento do partido socialista (PS) e perda de cadeiras dos sociais democratas (PSD). Algumas ideologias verdes e de proteção de animais mostraram crescimento e uma cadeira foi ocupada, de forma inédita, pelo partido Chega (CH), de extrema direita populista, fundado em abril de 2019.

Apesar da onda de extrema-direita pelo mundo, Portugal não é um dos países que tem se mostrado afetado pela onda populista nacionalista. Esse cenário talvez se apresente por conta de uma política antifascista presente na história do Estado Português durante a segunda guerra mundial e muito provavelmente por conta da homogeneidade do país, que costuma receber poucos imigrantes e quando os recebe são pessoas das quais a cultura não se faz hostil a portuguesa. Outro ponto que toca a modernidade e que fortalece a elevação de partidos extremistas de direita é a globalização que traz como consequência para os países europeus a desindustrialização, que em Portugal não tem impacto suficiente para a ascensão extremista por conta do caráter lento e gradual do processo.

Houve em Portugal um esforço para estimular a população portuguesa a votar. Uma nova medida foi adotada nesse sentido, possibilitando o alargamento do voto antecipado a todos os portugueses (residentes em território nacional), sem a necessidade de justificativa.

REINO UNIDO

Após muitos debates e três rejeições no Parlamento britânico, ficou definido que os britânicos formarão um novo Parlamento em dezembro de 2019. O Reino tem 73 cadeiras no PE. No Parlamento nacional, dentre as principais forças políticas ainda encontramos o Partido do Brexit, seguido pelo Liberal Democrata, o Partido Trabalhista e os Verdes. Mesmo os eurodeputados de partidos como o Partido nacional escocês e o partido de Gales se associaram no PE ao grupo dos verdes, o GUE/NGL. Apesar de todas as ocorrências ao longo de 2019 sobre as negociações a respeito do Brexit, queda de Theresa May e entraves das negociações, vimos nas eleições europeias um resultado



que revela uma derrota da representação dos eurocéticos no PE, que tinha 45 deputados na legislatura de 2014-2019, passado para 34 eurodeputados, sua maioria do Partido do Brexit, distribuídos entre o GUE/NGL e o grupo dos independentes, ou não afiliados. O crescimento da representação dos liberais, passando a ter 17 eurodeputados (antes havia apenas um britânico) no grupo do Renew Europa.

REPÚBLICA DA IRLANDA¹⁴

As últimas eleições gerais para o Parlamento da República da Irlanda foram em 2017 e a próxima é prevista para 2021. A Irlanda possui 11 cadeiras no PE, distribuídas nas eleições de 2019 entre o partido liberal Fine Gael, que manteve 4 eurodeputados no PE (afiliados ao EPP), o partido Sinn Féin e outros se juntaram ao grupo GUE/NGL, agora com 4 eurodeputados. O partido liberal Fianna Fáil elegeu um deputado, e o grupo Renew Europe. Perdeu um eurodeputado irlandês. Por fim, o Partido Verde irlandês elegeu 2 deputados, representando o maior crescimento na participação no grupo Greens/EFA.

SUÉCIA¹⁵

A Suécia ocupa 20 cadeiras no PE e na legislatura de 2014-2019 diminuíram os eurocéticos suecos no PE de 7 para 6 eurodeputados. Esse quatro é contrastante com a performance do mais bem-sucedido partido de extrema direita no país, o Partido Social Democrata (Socialdemokraterna ou SD). Na última eleição nacional de 2018 esse partido conquistou 113 dos 349 assentos no parlamento nacional. O líder conservador radical Stefan Löfven era o primeiro ministro da Suécia desde 2014 e buscava um mandato para continuar. Entre suas pautas, o partido deseja combater as mudanças climáticas, expandindo a energia nuclear sueca, investindo em pesquisas climáticas internacionalmente e financiando ações climáticas em escala global. Já em relação a imigração, acreditam que as atuais políticas de imigração e integração foram um

¹⁴ A última eleição para o Parlamento nacional foi em 2016, logo não trataremos no artigo de eleições nacionais na República da Irlanda.

¹⁵ A última eleição para o Parlamento nacional foi em 2018, logo não trataremos no artigo de eleições nacionais na Suécia.



fracasso nacional. Eles se opõem à integração porque acreditam que a integração envolve "reunir-se no meio" e não pensam que o povo sueco deva arcar com o ônus do que eles alegam ser uma política de imigração imprudente. DP considera que a situação atual, com um grande número de imigrantes vivendo em enclaves culturais, não é benéfica para o país. Eles argumentam que os próprios imigrantes não têm raízes, e que têm crescido tensões antagônicas entre vários grupos populacionais (social, étnico, religioso e cultural).

Como o partido considera que a Suécia teve imigração em excesso nos últimos anos, que alega ameaçar seriamente a identidade nacional e a coesão social, o SD quer restabelecer uma identidade nacional sueca comum, o que, por sua vez, significaria uma maior solidariedade interna. O partido rejeita ainda a política do multiculturalismo e deseja restringir fortemente a imigração, dando apoio aos imigrantes que, ao invés de quererem assimilar a cultura da Suécia, preferem voluntariamente emigrar de volta ao seu país de origem. Na medida em que mais fundos estatais são liberados do financiamento da imigração em massa, a SD acredita que a Suécia estará mais apta a ajudar refugiados em seus próprios locais próximos.

NOTAS FINAIS

Como está descrito acima, este artigo é um resultado parcial de uma agenda de pesquisa em curso, fruto de um esforço a várias mãos busca retratar assim o resultado parcial de uma ação coletiva de pesquisadores de iniciação científica relacionados a uma agenda de Estudos Europeus. Os(As) coautores(as) possuem pesquisas relacionadas aos países contemplados neste artigo, assim o resultado procura contribuir para uma melhor sistematização e divulgação das tendências e espectros da nova extrema direita populista e seus avanços na Europa. Com os alardes da imprensa e das sociedades que têm visto crescer populismos de extrema direita, o grupo de pesquisadores realizou um esforço no sentido de acompanhar as campanhas e resultados eleitorais por país e assim ter por base o fruto dessa pesquisa para o acompanhamento de agendas legislativas no PE.



Mais uma vez, nas eleições de 2019, partidos políticos de diferentes Estados membros, mas participantes da família ideológica do grupo partidário do PE de centro-direita, o EPP, alcançaram a maioria das cadeiras no PE, com 182 euro candidatos eleitos. Também não houve surpresas sobre a segunda força ideológica ser ocupada pelo grupo S&D, de centro direita, com 154 cadeiras no Parlamento, que possui 751 assentos no total. No entanto, uma terceira força emergiu no PE, com 108 cadeiras, os liberais, do grupo Renew Europe. Verdes e eurocéticos também cresceram, com 74 e 73 cadeiras respectivamente. Em suma, pode-se dizer que os principais grupos partidários perderam acentos e os liberais e eurocéticos ganharam. Mas isso não significa que em um espectro amplo, a extrema direita ganhou, e sim o centro e a direita conservadora. Refundado em 2019, o principal e primeiro grupo de extrema direita do PE, com o nome de Identidade e Democracia, alcançou em 2019 quase o dobro de membros. Com uma legislatura de diferença, seus adeptos foram se somando e diversificando em termos de origem partidária e nacionalidades. Esse resultado, apesar de inédito, não se pode designar como absolutamente inesperado no contexto da onda populista, não apenas europeia, mas também mundial. Os nacionalistas certamente podem levar ao PE suas demandas, uma vez que representam seus eleitores, e esses deverão ser ouvidos. No entanto, não ameaçam as políticas comunitárias por enquanto.

As ideologias do *mainstream* europeu perderam nas urnas, os grupos do EPP e da S&D que vem compondo a maioria do PE desde sua fundação perderam mais de 15% por cento de seus representantes. Por outro lado, os liberais aumentaram em mais de 50% sua representação e os verdes mais de 40% comparando-se com o PE eleito em 2014. Quanto aos dois grupos de extrema direita, enquanto o Identidade e Democracia dobrou seu número de membros, o aumento de 37 membros ainda é menor do que os 42 que saíram do Europa da Liberdade e Democracia Direita (EFDD) que deixou de existir. Há eurocéticos entre os independentes e os Verdes, mas em geral pode-se dizer que há novas forças no PE que geram expectativas sobre como será a nova legislatura. De acordo com o cenário atual, Luxemburgo é o único país da UE15 em que seus eurodeputados são unanimemente pro europeus e o de maior presença de imigrantes residentes. Tradicionalmente o povoamento de Luxemburgo por imigrantes europeus



(próximo a 50% da população de Luxemburgo é imigrante)¹⁶ leva a um desvio de tendências, comparativamente, as razões são antigas e históricas, mas mais recentemente também vimos o reforço dessa tendência possivelmente em função da centralidade de instituições da UE e a proximidade de Bruxelas e de Estrasburgo, onde também há Organizações Internacionais europeias relevantes, além de instituições da UE.

O melhor resultado das eleições para o PE de 2019, certamente, foi o da participação de mais de 50% dos cidadãos, o que não ocorria desde 1994. A participação eleitoral na única oportunidade de eleição dos cidadãos europeus para uma instituição da UE é crucial para a garantia do argumento da democracia do modelo europeu. Ainda que o déficit democrático continue a ser uma questão, cada vez mais a política europeia entra nas agendas nacionais e nas plataformas das disputas eleitorais em eleições locais de membros da União.

REFERÊNCIAS

Applebaum, A. (2019). Os segredos da estratégia da extrema direita: Vox com a cartilha de Trump e Bolsonaro. El País. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/10/internacional/1557485729_129647.html

Acessado em: 28/11/2019.

Deutsche Welle. “Extrema Direita Europeia se reúne na Itália antes das Eleições”.

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/extrema-direita-europeia-se-re%C3%BAna-na-it%C3%A1lia-antes-das-elei%C3%A7%C3%B5es/a-48789678> Acessado em:

25/05/2019.

_____. “A Ascensão dos verdes na Alemanha” Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/a-ascens%C3%A3o-dos-verdes-na-alemanha/a-48890649>.

Acessado em: 12/11/2019.

Erlanger, S. (2019) What to Watch for the European Parliament Election Results. The New York Times. May 26, 2019. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2019/05/26/world/europe> Acessado em: 12/11/2019.

Ignazi, P. (1996) “The Intellectual Basis of Right-Wing Abnti-Partyism”. European Journal of Political Research, 29(3), pp. 279-296.

¹⁶ REGARDS I 09. Sur la population au 1er janvier 2019. STATEC. Institut national de la statistique et des études économiques. Disponível em: <https://statistiques.public.lu/catalogue-publications/regards/2017/PDF-09-2017.pdf> Acessado em 29/11/2019.



_____. (2003) *Extreme Right Parties in Western Europe*. Oxford. Oxford University Press.

Kitschelt, H. (1995) *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. Michigan, University of Michigan Press.

Mudde, C. (2007) *Populist Radical Right Parties in Europe*. New York, Cambridge University Press.

Observador. A Exceção portuguesa: porque não temos uma direita radical. Disponível em: <https://observador.pt/opiniaao/a-excepcao-portuguesa-porque-nao-temos-uma-direita-radical/> Acessado em 28/11/2019.

Poguntke, T. e Scarrow, S. (1996). "The Politics of Anti-Party Sentiment: Introduction". *European Journal of Political Research*, vol. 29, n. 23, pp. 257-262.

Taggart, P. (1998), "A Touchstone of Dissent: Euroscepticism in Contemporary Western European Party Systems". *European Journal of Political Research*, vol. 33, n. 3, pp. 363-388.

Financial Times. (2019) European Parliament Elections. European Elections 2019: latest country-by-country polls. Disponível em: <https://ig.ft.com/european-parliament-election-polls/> Acessado em: 1/11/2019.

Sois, J. Da. CNEWS. Elections Europeennes: Qui sont les 34 tetes de listee n France? 26/05/209. Disponível em: <https://www.cnews.fr/monde/2019-05-26/elections-europeennes-qui-sont-les-34-tetes-de-liste-en-france-804394> Acessado em 1/11/2019.

Parties And Elections In Europe. Disponível em: <http://www.parties-and-elections.eu/> Acessado em: 1/11/2019.

Politico. (2019) Poll of Polls. Polling from across Europe. Updated Daily. Disponível em: <https://www.politico.eu/2019-european-elections/> Acessado em: 30/11/2019.

Regards I 09. Sur la population au 1er janvier 2019. STATEC. Institut national de la statistique et des études économiques. Disponível em: <https://statistiques.public.lu/catalogue-publications/regards/2017/PDF-09-2017.pdf> Acessado em 29/11/2019.

Ruic, G. "IBIZAGATE: o escândalo que pode derrubar a extrema-direita na Áustria. EXAME. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/ibizagate-o-escandalo-que-pode-derrubar-a-extrema-direita-na-austria/> Acessado em: 30/11/2019.

